

Pro-Vimarane

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL



1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 16

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 30 de Setembro de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecos. Notícias. Comentários.

HISTÓRIA INGÉNUA

Ecos. Notícias. Comentários.

Américo Durão consentiu que publicássemos hoje o inédito «História Ingénu», poesia de um lirismo enternecedor que irá enriquecer a nova edição do «Poema de Humildade».

Regosijamo-nos por termos enjejo de mais uma vez provarmos cabalmente que eram muito justas as palavras que sôbre o poeta do «Tândalo» escrevemos há tempo.

A Américo Durão — muito obrigados.

* * *

Foram presos, em diversas terras do norte, nada menos de duzentos e tantos indivíduos que se dedicavam ao engajamento.

O português emigra com uma facilidade espantosa. Sai do seu cantinho, atravessa o Atlântico (geralmente vai para o Brazil) sem garantia alguma de que nas distantes paragens a que se destina poderá viver com o suor do seu rosto.

Emigrar é, a mór parte das vezes, uma aventura fácil, que não raro se transforma em horrível tragédia. Pois até hoje de nada têm valido os sucessivos gritos de alarme dos nossos irmãos de além-mar. A onda continua rolando incessantemente. Desmembram-se famílias, despoçam-se as terras. Ficam os lares na miséria, ficam os campos sem os braços robustos que manejam a enxada. A quimera do ouro desgraça por ano centenas e centenas de portugueses. As medidas coercivas promulgadas pelo Estado ainda não tiveram a virtude de diminuir o mal.

Isto pelo que respeita à emigração consentida, à emigração legal.

E a clandestina? Quantas vítimas produz? Quantas tragédias tem provocado?

Para nós temos que é bem miserável todo aquele que ao tórpe negócio se dedica. E' preciso não se ter coração, não se ter mesmo sensibilidade, ser-se inteiramente desprovido de consciência, de escrúpulos, para arrastar pessoas para a miséria e para a morte, empregando como isca a mentira, a falsidade, a burla.

Merecem castigo exemplar os engajadores agora a ferros. Castigo exemplar que seja freio para os que ficaram à solta!...

* * *

Com repique de sinos, música, grande acompanhamento de autos, e por entre filas compactas de povinho cheio de curiosidade, o S. Cristóvam, hercules e mar-móreo, foi transportado para o local onde no próximo dia 12 se começará mostrando às gentes que subam até à Penha.

A história do ninho foi banal...

Dois pintassilgos, uma certa vez, Olharam-se dum modo natural: Começando o namôro tal e qual, Como o dum moço e honesto camponês.

Eram horas perdidas a falar! Projectos de futuro, um ninho, filhos... E como tinham pressa de casar, Não pensaram em luxo nem em brilhos, Indo-se os dois a construir o lar.

O ninho estava pronto. Tinha penas Mais brancas do que fôlhas de açucenas, E levinhas, e finas! Maciinho, Como se fôra de veludo e arminho...

Casaram. De comêço, que loucura! Eram beijos nas fontes de água pura, E nas árvores floridas do caminho... A tal ponto, que a outra pardalada Começava de andar envergonhada Daquele amor! Era de mais... Então!

Numa manhã de sol alegre e novo, Punha a noivinha o seu primeiro ovo... Que lindo! Tal e qual um coração! Depois mais outro, e outro, e outro ainda... E a casa cada vez a ser mais linda... O céu dava-lhes muito com bem pouco!

Em volta à companheira, já no chôco, O pintassilgo, tonto de alegria, Cantava tôda a noite e todo o dia...

Passada uma semana ou pouco mais, Manchando o ninho branco de açucenas, Nasciam quatro filhos muito iguais, Sem sombra de beleza, nem de penas.

A mãe, achava-os lindos; na cegueira De quem é mãe... Assim lindos, Deus queira Não lhes suceda mal, dizia ela. E ficava-se a olhá-los, era vê-la A fazer-se mais leve do que o ar, Para nem ao de leve os maguar!

E o pai? Era feliz como ninguém. Cantando, e rindo... e a chorar também! Dizia às vezes para a companheira: —Que lindos são os nossos filhos, Filha! Havemos de os levar para uma ilha Que faz ali adiante esta ribeira. E' lá que os havemos de ensinar...

Ainda há-de vê-los, a voar, voar Comigo, pelo espaço, até ao céu! E mais alto e mais longe, que sei eu...

Passado pouco tempo, os passaritos Eram bonitos duma vez, bonitos Como um raio de sol numa manhã Casta e florida, e perfumada e sã... Os pais só tinham olhos para ver A graça dos seus filhos a crescer Com as penas das asas... Ora um dia, Foram todos voar. E, quem diria? Sustinham os pequenos já no espaço Como flores aladas e morenas... E nem sentiam geitos de cansaço! Tinham nas asas infinitas penas, Que os conduziam para lá dos céus!

Pus-me a segui-los e o meu pensamento Subiu longe, e tão alto que deu tento De os ver poisar, cantando, aos pés de Deus!

AMÉRICO DURÃO.

Sinceramente aplaudimos e louvamos a proposta que sobre o combate à tuberculose o sr. Dr. Mota Prego apresentou numa das últimas reuniões da Comissão Administrativa do Município.

Temos, com os minguados recursos de que dispomos, enfileirado junto dos que andam empenhados na campanha contra a peste branca. Fizemos há dois meses um apêlo aos vimaranenses para que com assiduidade colocassem na correspondência e nos envólucros de manufacturas os selos cujo producto reverte a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

O apêlo, segundo tudo indica, não foi ouvido. Oxalá os esforços da Câmara façam mais do que tem feito até hoje a imprensa.

Os vimaranenses têm bem à vista exemplos sem conta dos terríveis efeitos da tuberculose...

* * *

Como previamos, o Congresso da Pequena Imprensa não deu os resultados práticos que os seus organizadores certamente tinham em vista.

* * *

Para breve, volta a anunciar-se a publicação do Código Administrativo.

Esperam no ansiosamente todos os que se interessam, quer como funcionários, quer como estudiosos, quer como meros cidadãos, pelas coisas referentes a Administração Pública.

Segundo rumôres correntes, não sabemos se fundamentados seriamente, as divisões administrativas do país sofrem profunda alteração.

De um núcleo importante de população do nosso concelho sabemos nós que anseia por que o novo Código lhe traga a tão ansiada independência.

Será desta?

Creemos bem que não; as leis não podem dar consistência a aspirações que ainda ninguém devidamente justificou.

* * *

Nêste jornal far-se há o registo bibliográfico, acompanhado de notas críticas, de todos os livros de que nos seja enviado um exemplar.

* * *

António Fernandes da Silva, levado a enterrar há poucos dias, foi um entusiasta do Grupo «Pro-Vimarane», sempre pronto a dispendir a sua actividade nos empreendimentos que visassem o progresso da nossa terra.

Que descanse em paz.

Uma Grande Iniciativa Congresso de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica A Visita a Guimarães dos Congressistas.

Foi enviada a todos os membros da Comissão eleita no dia 30 de Julho a seguinte circular:

«Ex.^{mo} S^{nr}.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que na assembleia realizada no passado dia 30 de Julho, no salão nobre da Associação Comercial, foi o nome de V. Ex.^a escolhido, por aclamação, para fazer parte da Grande Comissão encarregada de efectuar todos os trabalhos respeitantes à construção de um novo teatro nesta cidade. A eleição de V. Ex.^a obedeceu, óbvio será dizê-lo, ao conhecimento público das qualidades de V. Ex.^a, que sempre se tem mostrado, em todas as emergências, bairrista entusiasta.

Havendo necessidade urgente de começar realizando os referidos trabalhos, resolvi, na qualidade de presidente daquela Assembleia, convocar uma reunião para o próximo dia 9 d'outubro, pelas 21 horas, no mesmo salão, esperando ficar devendo a V. Ex.^a a fineza da sua indispensável comparação. Com a mais alta consideração, subscrevo-me

De V. Ex.^a

At.^o e Obrigado

António Lima.»

Vai, pois, o problema da construção do Teatro entrar numa nova fase, na fase positiva, prática, dos trabalhos que definitivamente hão de conduzir à sua solução. Repetimos o que tantas e tantas vezes temos afirmado: — Guimarães terá, dentro de relativamente pouco tempo, uma casa de espectáculos decente e cómoda.

As individualidades convocadas são: Alvaro da C. Guimarães, Alberto da Costa Guimarães, Gaspar Ribeiro da Silva e Castro, Dr. João Rocha dos Santos, João Rodrigues Loureiro, João Teixeira de Aguiar, Simão da Costa Guimarães, António José Pereira de Lima, Francisco Pereira Mendes, Capitão Duarte Ferreri de Gusmão Souza Fraga, Belmiro Mendes de Oliveira, Capitão Luis de Pina, Abel Cardoso, Dr. Adelino Jorge, José Pinheiro, José Maria Leite, Luis Cardoso Martins de Menezes, Francisco Ribeiro Martins da Costa, Coronel Duarte Amaral, Dr. Joaquim José de Meira, João de Abreu Lima, Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Monsenhor José Maria da Silva, Domingos Martins Fernandes, Amadeu C. Penafort, José Figueiras de Souza, António Leite da Costa e Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

A Casa HIGH-LIFE é a que mais barato vende: Perfumarias dos melhores autores, Camisaria, Artigos de bordar, Miudezas Modas e Gravatas.

Louças e artigos para brinde. O mais completo sortido Casa Martins

Não é uma reportagem o que vai lêr-se. Não estaria na índole dêste jornal — demasiado pequeno para poder alargar-se em noticiário, mesmo quando êle respeite a casos de importância — nem teria oportunidade, pois que os colossos da informação já pormenorizaram com a costumada verdade...

O que vai lêr-se são meia dúzia de notas que traduzem as impressões mais salientes do jornalista-amador.

Quando, no nosso último número, transcreviamos, aplaudindo-o, o artigo que sobre a maneira como deveriam ser recebidos os congressistas publicou o nosso colega «A Velha Guarda», fizemos esta afirmação: «Guimarães tem o dever de provar, uma vez mais, que sabe receber como nenhuma outra terra», logo seguida dest'outra: «Os vimaranenses hão-de saber, com certeza, manter com dignidade as suas brilhantíssimas tradições de hospitalidade, de maneira tal que os nossos itustres visitantes levem daqui as mais gratas recordações».

O povo de Guimarães patenteou mais uma vez as suas magníficas qualidades, honra lhe seja. Os congressistas, via-se bem, sentia-se bem, estavam maravilhados, encantados, pois nunca poderiam ter suposto que o povo, a gente humilde e inculta, tão bem soubesse compreender o significado da visita que à sua terra era feita.

Recepção na Sociedade Martins Sarmiento. O primeiro a chegar, pelo braço de Mário Cardoso, é Leite de Vasconcelos, o decano, talvez, o maior de todos, sem dúvida. Depois, indistintamente, os representantes dos mais diversos países. Uma Torre de Babel antropológica e arqueológica... Algumas máscaras interessantes, características; outras fora da moda, notavelmente pré-históricas... Muitas senhoras — e, entre elas, Miss Congresso, señorita Cabré, uma gentilíssima menina que já é Senhora nos domínios da ciência...

Eduardo de Almeida, uma glória no meio de tôdas aquelas gloriosas pessoas, marcou de uma maneira que não esquece. Esteve à altura da situação. Os sábios, acostumados a ser admirados, tiveram de, por sua vez, admirar. Eduardo de Almeida merece bem o abraço apertado e muito amigo que daqui lhe enviamos, com o fervoroso desejo de que por muitos anos e bons continue a honrar e dignificar a terra que o estremece como seu filho mais dilecto. O seu discurso foi, sem dúvida, a nota mais brilhante do dia.

Museus. Interêsse, olhares curiosos, investigadores... Um caco — cinco minutos de atenção; uma pedra — dez. A formosa, enigmática e volúvel como tôdas as formosas, manteve o seu ar de impenetrável, resistindo heróicamente aos olhares sádicos de tantos homens que queriam devas-

sá-la, desnudá-la, descobri-la, que desejavam a sua posse, a posse do seu segredo. Uma troca de impressões entre os mais ilustres, cada um dêles com a sua opinião e com muito amor a ela...

E' de justiça, já que falamos de museus, lembrar um nome — o de José de Pina, artista insigne, modéstia que já não se usa, dedicação inultrapassável pela casa de Sarmento.

Houve um momento em que todos aqueles senhores muito graves e repletos de sciencia nos pareceram um bando garrulo de crianças, de escolares. Foi quando Alberto Braga e Francisco Martins começaram distribuindo a monografia, os postais, os jornais, tudo unidinho por um fio de elástico, tudo muito parecido com o 9 de Março...

Estrada da Citânia. Há que louvar sinceramente, entusiasticamente, quem a delineou e quem dirigiu a sua construção. Há que louvar, sobretudo, o Dr. João Antunes Guimarães, ministro do Comércio, que no fastígio do Poder não esquece, antes mostra, exuberantemente, como ama, com eternecido carinho, a sua terra.

Citânia. Logo de entrada, a primeira grande impressão, a grande surpresa do dia, o número sensacional do programa — uma pedra que, segundo parece, segundo dizem os entendidos, acaba de vez com as dúvidas suscitadas pela formosa.

Ricardo de Freitas Ribeiro, trabalhador como poucos, é daqueles que, apesar de novo, mais merece o reconhecimento dos amigos da Sociedade. Aos serviços valiosos que prestou quando da herança da viúva Sarmento, juntou agora os que incançavelmente vem prestando nos castros de Briteiros e Sabroso.

Ainda Citânia. No cimo, junto dos vestígios das cassas, das ruas, dos túmulos primitivos. Até aqui subiram poucos congressistas, muito poucos. E os que vieram, foram-se apressadamente, relanceando rápidos olhares, sem tomar uma nota, um apontamento ligeiro.

Muito povo, — ar de festa, de romaria, dôces, bolinhos de bacalhau, vinho. Um certo descon-sôlo nos lavrantes ao constatarem que, a final, os sábios são homens como nós...

Casal da Ponte. Recepção sensibilizadora. Formosas raparigas, de grandes arrecadas, trajes policromos, floriram os ilustres visitantes, que se mostravam visivelmente comovidos e espantados por se verem objecto de tantas homenagens, por se verem tratados com tam extrema gentileza. Parabens a quem teve a linda ideia.

Casal da Ponte. Almoço. Os frios foram devorados com apetite dos tempos primitivos. Os convivas excederam o lote previsto, mas, no final, tudo correu bem. O serviço, sabemo-lo por informação de quem o apreciou, magnífico. O Francisco Pereira Mendes desempenhou-se desembaraçadamente da empreitada...

Casal da Ponte. Arraial. Outra boa ideia. Balões, danças regionais, foguetes, bonecos de fogo prêso. Entusiasmo, comunicativa alegria. Grande curiosidade da maior parte dos homens de sciencia, que seguiram com admiração todos os movimentos, que observaram atentamente todos os pormenores.

Regresso à cidade. Visita aos monumentos. Uma parte do programa que ficou por cumprir. Pressa de retirar. Não pode dizer-se, em boa verdade, que Suas Excelências ficassem conhecendo o muito que por cá temos digno de vêr-se e, até, digno de estudo. Ficará, naturalmente, para quando venham como simples turistas...

A monografia de Mário Cardoso, há-de ter nestas colunas o merecido estudo critico. Sabemos que se trata de um trabalho notável que confirma o talento e saber do seu autor, já evidenciados noutros de igual importância.

Bem feito, com inteligência e direcção hábil, o serviço da G. N. R., sob o comando do sr. Tenente Calejo.

Muito mais a dizer, mas o espaço mingua. Não há remédio se não pôr ponto, acabando por fazer, em breve resumo, o balanço geral:

A Sociedade Martins Sarmiento, ou, melhor, os homens que a dirigem, podem orgulhar-se da maneira como tudo correu. A Sociedade marcou esplendidamente. Poderia não ter decorrido tudo com perfeição, mas a verdade é que ninguém faria nem melhor, nem tanto. Estamos absolutamente certos que é de Guimarães que os congressistas levam as mais gratas e as mais perduráveis recordações.

A memória de Martins Sarmiento teve quem elevadamente a soubesse honrar e dignificar!

Casa das Gravatas

O maior sortido no género. O mais fino gosto.

O mais barato.

Este número foi visado pela comissão de censura

HONRA INSIGNE! UMA CABAZADA DE PREGUNTAS BATEU AS ASAS...

A visita com que os sábios antropologistas e arqueólogos honraram ha pouco a nossa terra, veio trazer-nos a doce consolação de que não vivemos completamente esquecidos, mercê de *alguém* que soube impôr-se, pelo seu saber, à valiosa consideração do mundo culto.

Sarmento foi um grande, um illustre vimaranense. É ainda depois de morto — não absolutamente morto, porque homens da sua envergadura mental e científica nunca de todo morrem — atrai aqui um grupo selecto de individualidades de destaque nos meios científicos de diversos países.

A própria natureza associou-se à festa simples, mas carinhosa, que os vimaranenses fizeram aos illustres visitantes, com um belo dia de sol, sereno e límpido, que encheu de dulcíssima alegria quantos aguardavam a chegada dos nossos distintos hóspedes.

Tais manifestações de requintado apreço, a quem nos distinguuiu, distinguindo a obra, a memória, do sábio vimaranense, só nos honram e servem para convencer os estranhos de que sabemos corresponder às gentilezas que nos rendam, com outras tantas gentilezas que traduzem a gratidão da terra que se desvanecede de ter sido bérço de Martins Sarmento.

Depois do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-histórica, que vinha de realizar-se no Porto, e no qual, para honra nossa, os sábios portugueses das especialidades fizeram interessantes e valiosas comunicações, não quizeram os congressistas estrangeiros deixar o país sem que visitassem a Sociedade Martins Sarmento — simbólico edificio que perpetua a memória do grande cidadão nosso contrerrâneo e onde existem, guardadas amorosamente, soberbas reliquias do exforço empregue por quem levou a vida inteira a estudar as coisas preciosas do passado; e mais a Citânia de Briteiros, lá longe, perdida nas serras, onde o sábio arqueologo, após pacientes e custosas escavações, ergueu outro monumento a que dedicava acrisolado affecto e que também serve hoje de incentivo a novas investigações.

Como faz bem à nossa alma de ingénuos e ignorantes, aqui enclausurada e batida por um forte tufão de vesânia, que não se sabe de onde venha, este momentâneo contacto com individualidades de intrínseco valôr scientifico, espregitando, apreciando todos os pequenos-nadas da nossa terra e levando de nós, a pesar-de tudo, como levaram certamente, a impressão de que, se não somos maiores nem mais próximos do progresso a que temos direito, é porque de nós se esqueceu quem devera estar atento às nossas necessidades!

Honra insigne, a honra que nos dispensaram os illustres obreiros da sciência que investiga o que houve de merecimento no passado distante da pre-história, e da sciência que leva ao conhecimento das raças humanas!

As excursões, como a de que vimos falando, dão ao excursionista uma noção exacta dos costumes e do mais das regiões que visitam. E dando-lho, pode elle fazer saber na sua terra tudo o que observou e enfim expôr o

Recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Sr. Director: — Leitor assíduo do seu brilhante jornal, de há muito que empreendi a tarefa de escrever artigos substanciosos, ponderados e de belos efeitos literários, versando, com profundo conhecimento das coisas e dos homens, alguns dos nossos mais instantes problemas locais. Mas, ai!, uma coisa é o que nos propomos fazer e outra, bem diferente, a negra, a triste, a crua realidade... Há que tempos eu me levanto com este propósito firme: — é hoje que vou iniciar a minha colaboração no «Pro»!... Sento-me à secretária, pego na pena, ponho diante de mim numerosos linguados, e, quando vou a lançar a primeira palavra no papel, começo de sentir uma perturbação tam exquisita, uma sensação tam pronunciada de angústia, que cedo acabo por convencer-me de que sou absolutamente incapaz de alinhar algum dia aqueles circumspectos artigos que, nas horas do engano de alma lêdo e cego, eu mentalmente architecto...

Perde assim V. Ex.^a uma colaboração que deveria ser — disso estou convencido... — interessantíssima; perde Guimarães ou, melhor, perdem os vimaranenses e, que sei eu?, perde a Pátria, com esta minha confessada insuficiencia, a oportunidade de ver surgir, em fulgurantes radiações, mais um astro no consteladíssimo céu onde pairam as glórias literárias...

Imagine V. Ex.^a o que não terá sido a tortura dêste meu drama íntimo, drama que tenho ferrozmente occultado, receoso de me tornar alvo das zargunchadas dos meus impertinentísimos amigos...

Mas... para quê tanto arrasoado? — perguntará V. Ex.^a

Já o direi: — Sciente da minha incapacidade para levar até ao fim um assunto, resolvi agarrar umas mãos cheis dêles, dos muitos que se me baralham no meu enfraquecido cérebro, e reduzi-los a perguntas, a perguntas que não têm especial endereço, mas que muito bom seria tivessem resposta da parte daqueles a quem in-

conceito, bom ou mau, que faça das populações com quem esteve em contacto.

De nós, estamos certos, dirá elle, pelo menos, aos seus contrerrâneos quanto é béla a paisagem que contemplou por um dia de sol primaveril, ridente e perfumado, como se, neste fim do breve estio, já fôsse a primavera a estação que atravessamos.

Contar-lhe há também as maravilhas bucólicas do Minho incomparável e os fundos segredos da sua música suavíssima, e, intelligente como é, talvez concluo que os homens, que em tal região consomem a existência, viverão para todo o sempre na aspiração irrealizável de lhes atenderem as necessidades mais urgentes, ainda que, para essa obtenção, se sujeitem a tôdas as contrariedades possíveis e imagináveis...

Assim se estreitam relações estimabilíssimas e se torna conhecido o nosso país.

Silène.

teressam... Não estão ordenadas, nem é preciso. Vão talqualmente foram surgindo no ecran da memória, de maneira a não constituírem um questionário, mas, sim, um koktail...

Publicá-las-há V. Ex.^a?

Se sim, — ei-las:

— Porque será que sendo a Praça do Toural o centro da cidade, a sala de visitas do concelho, a 5.^a avenida cá do burgo, tem um ar tam pelintra, tam surumbático, tam antigo, tam a Afonso Henriques?

— Será porque a parte ajardinada é uma vergonha, um categorico desmentido à asserção de que o Minho é o jardim de Portugal?

— Como se compreende que havendo no nosso concelho uma tam grande percentagem de população empregada nas indústrias ainda não se tivesse pensado a sério, com vontade de realizar, de trabalhar, nas condições em que vive o operariado?

— Desconhecer-se-há inteiramente o que se faz noutras terras?

— Não sabem os senhores industriais que o que hoje é um desleixo pode ser amanhã, para elles, um perigo gravíssimo, de conseqüências funestas?

— Ou ainda não atentaram serenamente nuns certos clarões vermelhos que veem das bandas do Oriente?

— E a propósito: — e o bairro económico?...

— E os bairros operários?...

— Em que termos está a celebrada questão da luz?

— Quando chegará o dia em que a energia seja fornecida com a intensidade antiga?

— Se a Câmara tem a faculdade de lançar mão dos meios jurídicos, porque o não faz?

— Mas... afinal, quem tem razão?

— Porque não se elucida convenientemente o público?

— Quando começará a execução de medidas que restrinjam a excessiva mendicidade que faz da nossa terra o Q. G. M. N. P. (Quartel General dos Mendigos do Norte de Portugal)?

— Quando serão removidas as pedras do Montepio?

— Quando será feita decentemente, isto é, com zelo, cuidado e intelligência, a fiscalisação no mercado?

— Porque será que lá se vendem, às escancaras, frutas verdíssimas?

— E a propósito de mercado: quando se pensará em exucutar o projecto Marques da Silva?

— Já se teria posto de parte a ideia do parque à volta do castelo?

— Não haverá verba para se ir fazendo alguma coisa do que está planeado?

— Está-se há espera do rigôr do inverno para se arranjar a estrada de Fafe?

— Quando começará a tão reclamada pavimentação das ruas com os paralelepipedos que têm vindo por conta-gôtas?

— Quando se fará sentir em Guimarães a acção da Intendencia Geral de Segurança Pública no que respeita à fiscalisação rigorosa dos géneros alimentícios?

— Porque será que o pãosinho é, em geral, tão ruim de tragar?

— Quando nos brindará a C.

Voou! Chamava-se Fulano de Qualquer Coisa. Alcinha: — «O Biológico».

Condenado a dezasseis meses de prisão correccional em julgamento que se efectuára quarenta e oito anos antes, entendeu, como todo o malandrim que se preza, que não devia conformar-se com a justa sentença.

Mais fácil lhe foi fugir do que lhe tem sido o vigarizar...

Biologicamente falando, este cavalheiro cumpriu, hemos que confessá-lo, o seu dever. A vida ao ar livre é para tôda a gente o ideal e para quem está prêso tem, então, encantos indizíveis.

Bom seria, contudo, que aquillo a que, enfáticamente, se chama cadeia, tivesse as precisas condições de segurança...

Meias e peúgas

O mais completo sortido e o mais barato só na Casa das Gravatas.

«Pro-Vimaranense»

O último número do «Pro-Vimaranense» foi publicado com o atrazo de alguns dias. Este é também distribuído com quatro dias de demora. Aos nossos estimados leitores e assinantes pedimos desculpa da irregularidade, que não pode ser atribuída a desleixo ou menos cuidado da parte de quem o dirige, mas a casos de força maior referentes à sua redacção e administração.

Desejam um chapéu elegante? Vão à CASA DAS GRAVATAS.

C. F. N. com uma estação que não evergonhe a nossa terra?

— Que garantias deu o empreiteiro das obras do Hotel da Penha para assegurar o exacto cumprimento do contracto, se é que há contracto?

— Ainda há por aí quem se lembre do monumento a Gil Vicente?

— Porque será que os senhores guardas civicos (vulgo, policias) já não fiscalisam o Toural com o cuidado que tiveram durante alguns dias, obstando a que o garotio continúe incomodando toda a gente?

— Se o barracão da rua Gil Vicente não tem condições para funcionar, qual a razão porque ainda está aberto?

— Os motivos que determinaram o encerramento do D. Afonso não serão os mesmos que deveriam ter já provocado o encerramento do dito barracão?

— Quando terminará o exhibicionismo da prostituição reles, indecorosa, miserável, pelas ruas mais centrais da cidade?

— Quando começarão as obras no Largo de S. Francisco?

— Quando será reprimida como deve ser a linguagem obscena?

— Quando serão feitos os necessários e urgentes estudos para o saneamento da cidade?

— Quem responderá ao

Zé dos Anzóis?

Rede Telefónica do Estado, em Guimarães

Telefones instalados
depois da publicação da última lista

- 166 Júlio Pereira de Figueiredo
- 167 Joaquim Ribeiro de Moura
- 168 José André
- 169 Polícia Civil
- 170 Tribunal Judicial
- 171 Barbearia Simão Costa
- 172 Gonçalves & Castro, Ltd.^a
- 173 Domingos Pereira Mendes, Sucessor
- 174 Manuel Joaquim da Cunha
- 175 Auto-Garage Avenida
- 176 Luís Teixeira de Carvalho & Irmão
- 177 Jacinto José Ribeiro
- 178 Dr. João Martins de Freitas

- Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda
- 179
- 180 Alberto Pimenta Machado
- 181 Joaquim Leite Monteiro
- 182 Francisco M. Fernandes
- 183 Joaquim A. Guimarães
- 184 Sapataria Fox
- 185 Guilhermino A. Barreira
- 186 Chapelaria Martins
- 187 Gualdino Pereira
- 188 Dias & Carvalho, Ltd.^a
- 189 Luis Dias de Castro
- 190 Fábrica de Tecidos de Guimarães
- 191 Damião de Sousa Pinto
- 192 Luísa Cardoso Macedo M. Menezes
- 193 Bento dos Santos Costa & C.^a, Ltd.^a
- 194 Eduardo & Silva
- 195 Luis Gonzaga Leite

- 196 Colégio e Asilo de N. Sr.^a da Conceição
- 197 Vital Marques Rodrigues
- 198 Stand América
- 199 Francisco da Silva Areias
- 200 Cândido José de Carvalho, F.^{os} & C.^a
- 201 António Cândido de Sousa Carvalho
- 202 Manuel Soares Moreira Guimarães
- 203 Alberto Costa
- 204 João Pereira Mendes
- 205 Camilo Laranjeiro dos Reis
- 206 António N. de Miranda
- 207 J. Ferreira de Melo
- 208 Bento dos Santos Costa & C.^a, Ltd.^a
- 209 Fernandes & C.^a, Ltd.^a
- 210 Francisco José de Freitas
- 211 Sociedade M. Sarmento

- 212 José Fernandes
- 213 Constantino Santoalha
- 214 Gaspar Ferreira Paul
- 215 Alfaitaria Casimiro Ribeiro
- 216 Fotografia Blaza

Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.

CASA DAS GRAVATAS

O mais completo sortido no género.
Sempre as últimas Novidades
Vejam os nossos preços.

CASA HIGH-LIFE

MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Luvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bolsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, brentanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos.

SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.

ATOALHADOS E LINHOS

Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais

Gonçalves & Castro, L.^{da}

GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Lindas colecções de bordados de Guimarães e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores

Preços das fábricas

Papelaria - Perfumarias - Tabacos
Gramofones e discos - Radiotelefonía
Papeis de embalagem - Fio - Papelão

CASA IDEAL

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA
122, Rua da República, 122-A
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.^a Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

ALFAITARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudo, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

Agência Vimaranense

Representações e Conta Própria

DE

ALBERTO CÉSAR

Travessa de S. Carlos, 13 - PORTO

CASA REBELO

117 - Praça D. Afonso Henriques - 118
GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos
próprios para a estação de verão
a preços baratíssimos.
Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS

A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato

Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papelaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos
Representante em Guimarães e norte de Portugal das Canetas Conklin - Endura

Casa das Novidades	Artigos fotográficos	Papelaria Central
Rua da República, 103-A e 105-A	Telefone n.º 149	FILIAL
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	GUIMARÃES	Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13